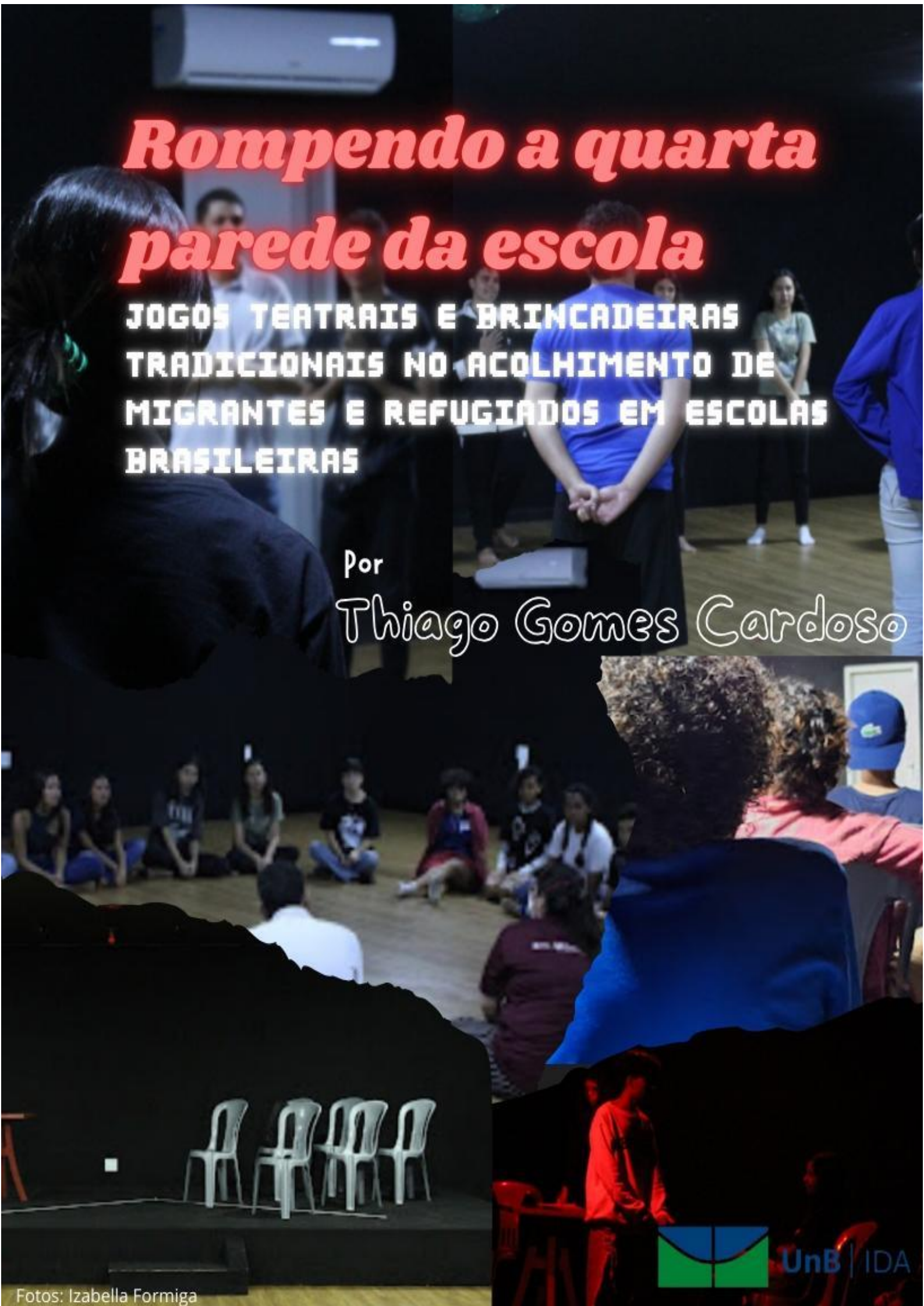


Rompendo a quarta parede da escola

JOGOS TEATRAIS E BRINCADEIRAS
TRADICIONAIS NO ACOLHIMENTO DE
MIGRANTES E REFUGIADOS EM ESCOLAS
BRASILEIRAS

Por

Thiago Gomes Cardoso





Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Cênicas

Thiago Gomes Cardoso

Rompendo a quarta parede da Escola: jogos teatrais e brincadeiras tradicionais no acolhimento de migrantes e refugiados em escolas brasileiras

Trabalho de conclusão de curso apresentado para habilitação em Licenciatura em Artes Cênicas do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciana Hartmann.

Brasília – DF

2024

THIAGO GOMES CARDOSO

Rompendo a quarta parede da Escola: jogos teatrais e brincadeiras tradicionais no acolhimento de migrantes e refugiados em escolas brasileiras.

Trabalho de conclusão do aluno: Thiago Gomes Cardoso, apresentado à Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Artes Cênicas.

Menção: __.

Aprovada em: __/__/____.

Banca Examinadora:

Professora Dra. Luciana Hartmann – IdA/CEN/UnB (orientadora)

Doutoranda: Ana Carolina de Sousa Castro – IdA/PPGCEN (Membro)

Professora: Dra. Jennifer Jacomini de Jesus – IdA/CEN/UnB (Membro)

Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana. (Carl Jung)

Dedico esse trabalho a todos(as) fazedores(as) da educação que labutam por meio da arte-educação e a todos(as) que escolheram ou se refugiaram no Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu Deus que sempre esteve bem presente em todos os momentos da minha vida, e por sua Graça e infinitas Misericórdias, que me mantém sempre feliz e entusiasmado com a vida.

Agradeço aos meus pais: Alaidia Gomes, por seu amor, conselhos, acolhimentos, incentivos (desde minha escolarização até os dias atuais) e orações durante toda a graduação; Sebastião Cardoso, por seu amor, orações e conselhos.

Minha irmã Thays Gomes, por incentivar e aconselhar durante a graduação.

Aos meus sobrinhos Jefferson e Wallace por seus abraços, sorrisos e por me levarem ao mundo infantil, trazendo assim um olhar mais apurado para as práticas pedagógicas para a infância.

À minha orientadora Dra. Luciana Hartmann, por me acolher em seu grupo de pesquisa e em sua matéria como monitor, por seus ensinamentos e orientações de pesquisa. E por mostrar uma universidade menos elitizada.

Agradeço a todos(as) os professores(as) do Departamento de Artes Cênicas, através das pessoas dos(as) professores(as): Dra. Lídia Olinto, Dr. Jonas Sales, Dra. Jennifer Jacomini, Dra. Ângela Café, Dra. Felícia Johanson, Dr. Luis Carlos Ribeiro dos Santos e Dra. Luciana Hartmann, por todas as experiências trocadas e por serem referências como profissionais.

Agradeço aos(às) meus(minhas) colegas de curso pelas trocas.

Ao servidor técnico-administrativo Valdir Silva por sua paciência e disposição em ajudar sempre.

Ao Pr. Ricardo Cruz por suas orações, aconselhamentos e incentivos.

Ao Pr. Paulo Henrique por suas orações, aconselhamentos e incentivos.

À Igreja do Evangelho Quadrangular de Guanambi – BA – na qual pude iniciar no teatro.

À Casa Bom Samaritano e todos(as) que fazem um trabalho de acolhimento excelente!

E ao CNPq por conceder a bolsa de pesquisa de Iniciação Científica.

RESUMO

Este trabalho busca apresentar Jogos Teatrais e brincadeiras tradicionais que possam facilitar a integração de estudantes migrantes e refugiados nas escolas brasileiras. Acreditamos que conhecer as histórias de vida destes jovens, por meio da linguagem teatral, valorizando seu protagonismo, pode auxiliar em seu acolhimento e integração na escola. Em um primeiro momento, na introdução, intitulada “Luzes Acesas!”, descreverei como essa proposta de pesquisa surgiu. No primeiro capítulo “Adentrando à Cena: um processo de experiência”, falarei da minha experiência com a linguagem teatral durante a pesquisa em campo e das influências para essa pesquisa. No capítulo dois, “Jogando para Histórias”, descreverei Jogos Teatrais e brincadeiras específicas e no capítulo três, “Dialogando sobre experiências”, apresentarei resultados e reflexões sobre a prática de alguns destes jogos e brincadeiras. Para finalizar, trago um momento de fechamento das cortinas, para que possam ser abertas novamente em sua prática docente.

Palavras-Chave: Pedagogia Teatral; Jogos Teatrais; Migração; Escola; Crianças.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – Luzes Acesas!	9
Capítulo 1 – Adentrando à Cena: Um processo de experiência	12
1.1 - Educador Social Voluntário: Um auxílio ou mais uma violação	12
1.2 – Diverso, atual e real - Grupo parceiro!	13
1.3 - O Teatro do Oprimido	14
1.4 – Violações de direitos de integração das crianças e jovens imigrantes e refugiados na escola: uma questão para ser levantada e debatida	15
1.5 - Cena Fórum – Uma de potencialidade, concreta e real	17
1.6 - Conclusão da minha experiência	19
Capítulo 2 - Jogando para história	21
2.1. Se você disser que sim	21
2.2. A cruz e o círculo	22
2.3. Dança das cadeiras	23
2.4. Aram Sam Sam – Brincadeira Cantada	24
2.5. Morto Vivo - Muerto Vivo	25
2.6. A Máquina de Ritmos	26
2.7. O Espelho Narcisista	27
2.8. Foto dinamarquesa	28
2.9. Andar pelo espaço com sentimentos	29
2.10. O limão entrou na roda	30
Capítulo 3 - Dialogando sobre experiências	31
Jogo 2.1 - Se você disser que Sim	31
Jogo 2.4 - Aram Sam Sam	31
Jogo 2.6 - Morto Vivo – Muerto Vivo	32
Jogo 2.7 - A Máquina dos Ritmos	32
Jogo 2.9 - Andar pelo espaço com sentimentos	32
Conclusão - Fechando as cortinas	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

INTRODUÇÃO – Luzes Acesas!

Esse trabalho de conclusão de curso percorreu um caminho longo até chegar em sua materialidade, então te convido adentrar essa história e conhecer como tudo começou.

Início na grande atração que tenho pelas pedagogias teatrais, pois as vejo como grandes meios de transformação social, assim como Augusto Boal via o personagem dentro da proposta do teatro do oprimido:

Por isso, eu creio que o teatro não é revolucionário por si mesmo, mas certamente pode ser um excelente “ensaio” da revolução. O Espectador liberado, um homem íntegro, se lança a uma ação! Não importa que é fictícia: importa que é uma ação. (Boal, 1991, p.138-139)

Então, assim começaram essas inquietações de não só trazer jogos que possam colocar os(as) docentes e discentes em posição passiva na integração e acolhimento, mas sim na posição de ação. Este TCC também surgiu durante minha pesquisa de PIBIC, algo que relato no Capítulo 1.

Hoje, apesar de não falar o espanhol fluentemente, me coloco como um arte-educador mediador nessa questão da migração, pois muitas vezes não precisamos obrigatoriamente saber a língua, precisamos ter o interesse de aprender com o outro. E as linguagens artísticas podem trazer uma boa contribuição neste sentido.

As propostas de jogos e brincadeiras que abordo são fruto de um caminho que trilhei até sua escrita, nunca sozinho, mas acompanhado de pessoas com a vontade enorme de fazer dar certo, pois é através desse mergulho que podemos ser mais fortes na luta em processo! Sempre lutando por direitos a serem cumpridos. Pretendo fazer minha parte propondo essa escrita – contribuindo com arte-educação, com essa área do conhecimento.

Este trabalho é fruto de conversas, práticas e experiências, e é inspirado no trabalho que o Grupo Imagens E(m) Cena, coordenado pela professora Luciana Hartmann, vem desenvolvendo (Hartmann, 2021). Faço parte desse Grupo desde 2022 e pretendo contribuir para o debate metodológico desenvolvido com este trabalho. Vale ressaltar que a Casa Bom Samaritano e o Centro de Ensino Médio Elefante Branco foram os locais onde essa pesquisa foi realizada. A primeira é um Centro de Acolhimento/ONG e o segundo é uma escola pública do Distrito Federal.

Assim, podemos entender que a proposta que faço não só poderá ser usada em escolas, mas também em outras instituições, desde que sejam feitas adaptações às devidas realidades. Detalharei mais sobre as instituições parceiras no Capítulo 1.

A você, querido(a) docente ou estudante de licenciatura que está lendo este TCC, temos um grande desafio pela frente: contribuir, na prática, para propor políticas públicas para crianças imigrantes e refugiadas nas escolas. É parte deste desafio o acesso à escola e permanência, para que o(a) criança migrante se sinta segura, confortável e com seus direitos assegurados para ter acesso a ensino adequado e de qualidade, conforme as resoluções e leis vigentes em nosso País.

Este TCC, portanto, também tem como proposta contribuir com materiais didáticos para área interdisciplinar da migração-arte-educação. Sinta-se parte deste processo: ao levar essas propostas para sala de aula, você contribuirá para o acolhimento e integração de estudantes imigrantes e refugiados e criará meios possíveis para os pertencimentos desses(as) discentes em escolas brasileiras. Pertencimentos esses que serão expressos através de suas histórias, que serão trazidas à vista através dos jogos e brincadeiras aqui propostos, possivelmente, gerando empatia por parte dos alunos(as) brasileiros(as).

Algo importante e que nós, como acolhedores, temos que pensar é que o nosso trabalho é “de formiguinha”, como dizem Azevedo e Amaral em uma entrevista sobre os desafios encontraram em uma turma na qual um dos alunos era migrante:

Quando ela diz que “no início foi complicado, foi um trabalho de formiguinha”, evidencia-se que: apesar da complexidade da tarefa, a professora consegue desenvolver seu trabalho. Isso não significa romantizar a situação, por isso do termo “complicado”, que passa a noção de ser algo difícil, desafiador, ao mesmo tempo que denota a condição de precarização, uma vez que a professora lida com tal contexto sem formação ou orientação específica e sem suporte institucional. (Azevedo; Amaral, 2023, p. 10)

Nessa citação, os autores estão analisando um relato do trabalho de Carla (nome fictício), uma professora que se deparou, em 2019, com o desafio de integrar um aluno migrante de Cuba. Durante os relatos, a professora vai contando como lidou com a situação.

A análise que os autores trouxeram da fala da professora é importante, pois nos traz uma visão interessante a respeito da atualização docente, mas, por outro

lado, demonstra a precarização da educação pública. Algo que me chamou atenção foi a parte sobre a falta de suporte institucional, algo que aparece muitas vezes, mas temos que ter em mente que o trabalho pedagógico na escola não é feito sozinho, temos uma equipe, então nós, professores, podemos e devemos pedir ajuda quando necessário.

Outro ponto importante a ser levantado é o aumento da migração em nosso país e o baixo número de trabalhos acadêmicos sobre propostas metodológicas práticas, de fácil entendimento e de fácil aplicação. Devemos considerar que a migração ocorre por diversos fatores:

Segundo Pavez-Soto (2017), “a maioria das famílias migrantes se instala em grandes cidades, buscando condições de trabalho melhores do que as enfrentadas no país de origem. A autora, ademais, ressalta a feminização das migrações na região, que também influenciam nas dinâmicas familiares da América Latina e Caribe uma vez que envolvem a escolha em migrar coletivamente ou individualmente, as decisões por ter ou não filhos no país de origem e as possibilidades econômicas”. (*apud* Piego; Henrique; Abramowicz, 2023, p.231)

Os Jogos Teatrais que serão usados ou propostos aqui são de autoria de Augusto Boal e Viola Spolin (ou adaptados); e as brincadeiras são de cunho tradicional, ou seja, grande parte sem autoria definida.

Então, no transformar do verbo, esse trabalho começa com a seguinte frase: “PROCURA: JOGOS TEATRAIS E BRINCADEIRAS TRADICIONAIS QUE POSSAM AUXILIAR NA INTEGRAÇÃO DE ESTUDANTES MIGRANTES E REFUGIADOS EM NOSSAS ESCOLAS BRASILEIRAS”.

Para isso, partimos da seguinte pergunta: quais jogos teatrais e brincadeiras podem auxiliar no acolhimento e integração?

Adentre nessas propostas, sinta-se à vontade para se divertir, jogar, brincar e refletir. Mas lembre-se que os jogos e brincadeiras só serão operativos em sua prática pedagógica se você também se permitir aprender, conhecer e não julgar antes do resultado.

Agora, antes de irmos para o primeiro capítulo, respire e ouça o primeiro, o segundo e o terceiro sinal soarem, alertando que com o teatro iremos começar!

Capítulo 1 – Adentrando à Cena: Um processo de experiência

A experiência que irei relatar tem relação com minha pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC), pois ela foi mais um dos pontos de inspiração para o surgimento dessa proposta na qual você está adentrando.

A pesquisa foi desenvolvida em duas instituições, o CEMEB (Centro de Ensino Médio Elefante Branco) e a Casa Bom Samaritano.

No princípio, antes mesmo do pré-projeto de pesquisa do PIBIC, tinha em mente que queria pesquisar direitos violados e violências que as crianças e adolescentes imigrantes e refugiados sofriam, pois acreditava que esses apareceriam na escola. Mas, conversando com minha orientadora, chegamos à proposta de analisar as violações de direitos de crianças e adolescentes migrantes e não migrantes no Brasil, com foco nos Jogos Teatrais e no Teatro do Oprimido, especialmente porque este último possibilita que o discente possa ser o principal agente de mudança – ou, como dizia o próprio o Augusto Boal, dá ao participante as formas certas para lutar por mudança (Boal, 1991).

Vale ainda ressaltar que durante a pesquisa ocorreram mudanças, como a forma de analisar as violações e minha decisão de falar um pouco do educador social voluntário, uma função que exerço na SEEDF (Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal), que objetiva apoiar as atividades diárias dos estudantes nas escolas públicas.

Por fim, como fiz praticamente ao mesmo tempo as pesquisas de PIBIC e TCC, vendo o produzido até o momento no PIBIC, decido também trazer propostas de jogos teatrais e brincadeiras que possam ajudar no desenvolvimento de aulas.

Antes de entrar nas propostas, te convido a conhecer um pouco da minha experiência profissional.

1.1 - Educador Social Voluntário: Um auxílio ou mais uma violação

Sou educador social voluntário na SEEDF – Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, desde 2022. Conhecendo a portaria que regulamenta a função, entenderemos algumas coisas.

O Educador Social Voluntário hoje é regulamentado pela Portaria nº 28, de 12 de janeiro de 2024. Dentre as diversas funções previstas na portaria, uma delas é o auxílio e integração dos alunos migrantes, indígenas e não falantes do Português. No entanto, essa função já tão precarizada, desvalorizada, é referenciada com o termo de "voluntário", o que não contribui para a valorização do Educador Social ou para os alunos(as) beneficiados(as) com essa função nas escolas.

Hoje, devido à desvalorização dessa categoria, quem vem sofrendo são os(as) discentes migrantes (como estamos falando de migração, vou restringir somente a esse público que também é atendido), pois muitos de nós, educadores sociais, não recebemos cursos de formação ou de aperfeiçoamento. Esta Portaria também não garante direitos trabalhistas, o que faz com que muitos educadores sociais desistam do trabalho por causa da precarização.

Então, penso que esse escrito seja necessário, não com intenção de substituir essa função nas escolas, mas como um auxílio nas práticas pedagógicas.

1.2 – Diverso, atual e real - Grupo parceiro!



Figura 1 – Grupo CEMEB

(Foto: Izabella Formiga)

Nesse momento vou apresentar uma parte fundamental dessa pesquisa: os locais que nos acolheram como pesquisadores.

Primeiro: a Casa Bom Samaritano. Como é incrível esse lugar, funcionários acolhedores e abertos à pesquisa! A Casa é localizada no Lago Sul, uma região administrativa com o maior PIB de Brasília. Bom, a Casa é um espaço amplo com vários quartos, cantina, sala de aula, sala de brinquedos, auditório, cozinha, banheiro, biblioteca e espaços verdes, o que possibilita um acolhimento integral.

Na Casa são acolhidos migrantes venezuelanos por um período de até três meses, lá eles têm o apoio que precisam para migrarem de forma legal e segura para o Brasil. E agora, onde entra a parte da pesquisa?

Bom, devido a seu público ser diverso, o nosso trabalho enquanto grupo de pesquisa é diretamente com as crianças da Casa, então fazemos esse papel de acolhedores/pesquisadores por meio do teatro, trabalhando com contação de histórias, brincadeiras cantadas, brincadeiras tradicionais e manualidades. Assim conseguimos pesquisar “com” as crianças e não “sobre”.

Segundo: O CEMEB. Trata-se de uma escola de ensino médio localizada no Plano Piloto, também uma região administrativa de alto PIB, mas que recebe alunos(as) de diversos lugares do Distrito Federal. É também uma escola que recebe alunos migrantes de diversas nacionalidades, como Cuba, Venezuela, República Democrática do Congo, Haiti, entre outras.

Essa escola foi o local onde desenvolvemos uma cena de Teatro Fórum. Nesse contexto, as trocas foram mais intensas e potencializadas devido a idade dos alunos.

A escola é ampla, possui muitas coisas que uma escola da periferia às vezes não possui, como: sala preta específica para a prática teatral (com ar-condicionado, palco, sistema de luz, som e cadeiras para o público), auditórios, pista de corrida para educação física, entre outros.

1.3 - O Teatro do Oprimido

O Teatro do Oprimido (TO) é um grande aliado das pedagogias teatrais. Decidi adotá-lo como principal método de pesquisa quando fiz uma disciplina no departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília, ministrada pela professora Silvia Paes, curinga do TO, formada com o próprio Augusto Boal. Ela me apresentou, nessa disciplina, a potencialidade dessa teoria.

Sendo assim, vale ainda ressaltar que o Teatro do Oprimido foi criado por Augusto Boal em um tempo conturbado da história do Brasil. Um dos principais objetivos dos jogos de uma das categorias propostas por ele é: OLHAR O QUE SE VÊ. Então, na minha visão, esse trabalho também buscou olhar o que se vê.

Em relação ao ambiente educacional, Garcia e Medina ressaltam:

A educação não acontece somente no ambiente escolar, mas, sobretudo, na junção entre o conhecimento sistematizado (orientado pelo currículo escolar) e o conhecimento vivenciado (através do cotidiano). (Garcia; Medina, 2020, p. 102)

Ou seja, o que foi trabalhado nessa pesquisa, ao mesmo tempo que se correlaciona com os conteúdos escolares, os transcende também, interpassando as vivências fora da sala de aula ou em contexto não escolar, como no caso da ONG (Casa Bom Samaritano).

1.4 – Violações de direitos de integração das crianças e jovens imigrantes e refugiados na escola: uma questão para ser levantada e debatida

Na Casa Bom Samaritano, em um dos dias da oficina, depois de uma proposta quase fracassada (enquanto objetivo), surgiu a história de uma das participantes, à qual darei o nome fictício de Nuvem.

Nuvem relata o espaço da escola, fala o nome da escola (que não mencionarei), fala que gosta de brincar na escola e, depois que eu pergunto se ela fez muitos amiguinhos na escola, ela responde que não, que seus únicos amigos da escola são os amigos da Casa.

A partir desta fala, podemos ver que Nuvem não está integrada à escola. Podemos perceber ainda que, apesar de Nuvem ter seu direito garantido de acesso à escola, ela não tem o acolhimento necessário para garantir a sua permanência.

Já no CEMEB, tivemos vários casos trazidos pelos alunos durante rodas de conversa e jogos do Teatro do Oprimido, como xenofobia por parte de um professor (o professor falar para um aluno migrante que ele deveria voltar para o seu país), Xenofobia por parte de um aluno (o aluno fala que o migrante não tem os mesmos direitos), favoritismo (o professor favorecer um aluno que possui um padrão de beleza mais europeu - branco).

Então, a partir dessas falas de alunos do CEMEB, foi criada uma Cena Fórum de Teatro do Oprimido, a partir da junção e adaptação das histórias faladas, na qual os alunos tiveram protagonismo de criação, sob orientação do professor Marcelo e da equipe da Rede Infâncias Protagonistas: migração, arte e educação¹, composta por mim, pela professora Luciana Hartmann, pelas bolsistas de Iniciação Científica de Ensino Médio (PIBITI/CNPq) Bénédicte Kamanda (congolesa) e Gerimar Bolívar Farias (venezuelana), pela doutoranda Ana Carolina de Sousa Castro (brasileira), pela pesquisadora de Pós-doutorado Rocío de Bravo Shuña (peruana) e pela bolsista de apoio técnico Izabella Formiga (brasileira).

Ainda no CEMEB, pude perceber no primeiro dia, quando ainda não tínhamos iniciado com a oficina, momento para conhecer a turma, que existiam muitas violações de direitos expressas nas falas dos alunos. Os alunos estavam finalizando uma atividade proposta pelo professor, que propunha montar uma cena de Comédia e outra de Tragédia.

Na comédia foi onde mais apareceram violações, como xenofobia (acontece dentro de ônibus, uma aluna fazia o papel de migrante e é maltratada), gordofobia (uma aluna representava uma passageira que é maltratada por causa de seu peso) e, por fim, nesse mesmo dia, pude ver a sobrecarga que é vivenciada pelas mulheres (nessa parte, os estudantes representam um pai que vive alcoolizado, paquerando outras mulheres, enquanto a mãe fica sobrecarregada cuidando do filho – essa cena também ocorreu dentro do ônibus).

Tudo isso, vejo que pode afetar a permanência de alunos brasileiros e não brasileiros nas escolas. São coisas que, muitas vezes, podem acontecer no meio em que vivem e refletir na escola de forma indireta e, acredito que, em outras vezes, de

¹ Para maiores informações sobre a Rede, ver o site: <https://www.infanciasprotagonistasunb.com.br/>

forma direta – quando é verbalizada. Taís Ferreira aborda a importância desta contextualização em um de seus artigos, no qual analisa uma peça:

Crianças emitem colocações carregadas de preconceitos, que fazem parte da construção cultural de suas identidades e, mesmo que Mickey e as princesas da Disney não digam palavras nem humilhem ou julguem seus companheiros, outras relações sociais propiciam às crianças o aprendizado de tais práticas tão comuns em nossa constituição identitária. (Ferreira, 2004, p.91)

Tudo isso, por vez, pode contribuir para o aumento da evasão escolar e, ainda, contribuir de forma negativa para uma cultura de paz nas escolas.

Assim, são afetados muitas vezes os direitos de desenvolvimento das crianças e adolescentes, conforme traz o artigo 3º do E.C.A – Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990):

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. (Brasil, 1990, Art. 3)

Acredito que essas violações demonstradas pelos alunos/participantes nos mostram que, muitas vezes, o que é trazido como bagagem é carregado por violações expressas e “ocultas”.

1.5 - Cena Fórum – Uma de potencialidade, concreta e real

A Cena de Teatro Fórum foi baseada nas histórias trazidas pelos alunos. Ela foi estruturada da seguinte forma: um aluno migrante (esse personagem foi feito por um migrante venezuelano) está falando no celular com a sua mãe sobre como está ansioso para conhecer a nova escola, logo depois, chega outra aluna migrante. O diretor os recebe e os leva para sala, apresenta-os para a classe e para a professora - a professora está falando sobre globalização. Em um determinado momento da cena, uma aluna migrante tem uma dúvida e a professora simplesmente a ignora, logo depois, uma aluna (brasileira, aliada aos oprimidos) intervém em defesa da migrante. A professora rebate, falando que não poderia fazer nada. Logo mais, bate

o sinal para o intervalo. No intervalo, os dois alunos migrantes ficam isolados e a aluna aliada aos oprimidos tenta acolhê-los, porém é criticada por outras colegas de turma, mas mantém sua decisão de permanecer junto aos alunos migrantes.

Na volta do intervalo, a professora continua com a aula e chama o aluno migrante para dar um exemplo, então fala que ele poderia também roubar o emprego dos alunos da sala futuramente. Depois, fala para ele voltar para o lugar dele (cadeira onde estava sentado) e aproveitar e “voltar para o seu país”. Então, chega o momento de parar a cena e a Curinga começa a conduzir o debate.

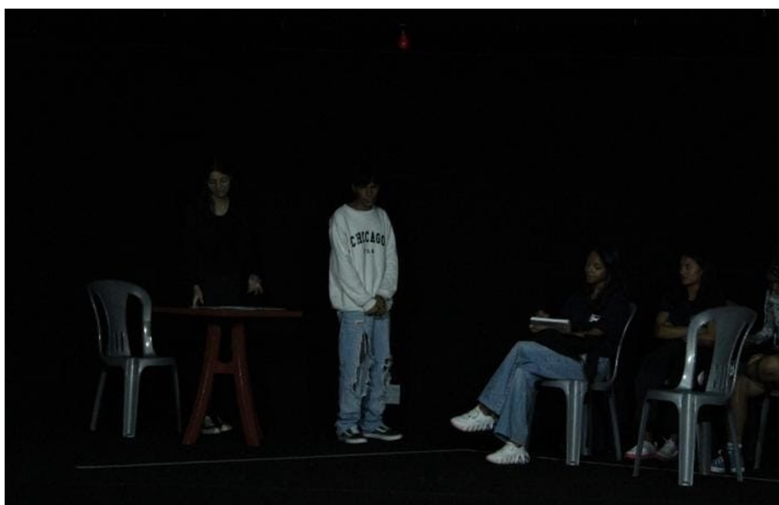


Figura 2 – Cena Fórum

(Foto: Izabella Formiga)

No processo de reflexão sobre a opressão sofrida pelo estudante migrante e sobre possíveis soluções, foram levantadas três propostas de intervenção. Na primeira, um aluno de outra turma critica a professora sobre sua ação nada pedagógica e a professora rebate, dizendo que se ele estivesse incomodado, que fosse para o lugar dela. Então, ele responde que iria sim e se levanta em direção ao lugar dela.

A segunda intervenção propôs uma ação na hora do intervalo, quando as alunas brasileiras começam a criticar a aluna que era aliada aos oprimidos: nesse momento, a diretora intervém e chama a atenção das alunas.

Na terceira intervenção, a diretora entra em sala e chama a atenção da professora, dizendo que se este tipo de atitude persistir, haverá consequências para a professora.

1.6 - Conclusão da minha experiência

Chego a pensar não em uma conclusão, mas em uma poderosa potencialidade que foi ativada, pois o Teatro do Oprimido, como fala o próprio Boal, é um ensaio para a revolução! Acredito que essa revolução nasce como meio de debater ideias, levantar posicionamentos e informar (sim, também informar), pois, como Silvia Paes dizia em suas aulas, “o Teatro do Oprimido serve também para criar conhecimentos, críticas e soluções colaborativamente”.

Já na história de Nuvem, pode ser que não tenha acontecido uma intervenção, pois não trabalhamos de maneira aprofundada o Teatro do Oprimido naquele dia, mas a violação de direito que ela estava enfrentando foi percebida. Então, nós educadores/professores temos uma história trazida à tona, e penso que devemos nos sentirmos responsáveis por mudar outras histórias que possam se parecer com esta, assumindo assim o que é abordado no artigo 4º do E.C.A:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (Brasil, 1990, Art. 4)

Como profissionais da educação, que possamos lutar juntos. Hoje, com o olhar de educador social voluntário, vejo que ainda estamos distantes de conquistar um respeito por nossa profissão, a qual pode ajudar muito na integração e acolhimento de alunos migrantes, pois ainda há muita desvalorização dessa função e não temos, muitas vezes, um olhar humanístico do poder público para nós. Sendo assim, quem sofre junto essa desvalorização são os alunos (migrantes, indígenas, pessoas com deficiência), pois o educador social passa a ser um posto de passagem profissional para muitos, marcado por uma grande evasão, o que resulta em falta de educadores ou sobrecarga para os que permanecem.

Todas estas violações, portanto, podem prejudicar a permanência de discentes nas escolas.

Por fim, ao olhar para o trabalho desenvolvido na Casa Bom Samaritano e no CEMEB, tenho esperança em uma educação de qualidade, diversa, acolhedora e com afeto. Continuaremos com os nossos baldes, tirando o máximo de água por dia do "barco" chamado educação, assim, tentando não deixar que ele afunde.

Capítulo 2 - Jogando para história

Nesse capítulo, irei trazer os jogos teatrais e brincadeiras tradicionais que foram usadas durante a pesquisa e alguns que acho que podem ser usados em outros momentos.

2.1. Se você disser que sim

- Como Funciona?

Escolha uma música que permita ao ator que conduz o exercício cantar uma frase assim: “Se eu disser que sim, você dirá que não: sim, sim, não” ao que todos devem responder não, não, sim”. Se eu disser João, Luís, João, vocês dirão [e os outros dizem] Luís, João, Luís”; e depois utilizará as palavras “Pão” e “Mel”. Em seguida, combinações diversas das três palavras e das outras três: “João, mel, não” contra “Luís, pão, sim”. (Boal, 2007, p.144)

- O que será trabalhado?

Esse jogo irá trabalhar a categoria de diminuir a distância entre o “escutar” e o “ouvir”, ou seja, trabalharemos a desmecanização do sentido: audição.

- Recomendações:

Esse jogo é interessante para início dos encontros ou aulas – como um exercício de aquecimento.

- Como surgiu essa sugestão:

Apesar desse jogo já ter sido feito em outros momentos, surgiu como proposta para ser realizado CEMEB. Esse jogo, como mostra a citação, também é de Augusto Boal.

2.2. A cruz e o círculo

- Como Funciona?

Pede-se que façam um círculo com a mão direita, grande ou pequeno, como puderem: é fácil, e todo mundo faz. Pede-se, depois, que façam uma cruz com a mão esquerda: é ainda mais fácil, todos conseguem. Pede-se, então, que façam as duas coisas ao mesmo tempo. É quase impossível. Em um grupo de umas 30 pessoas, às vezes uma consegue. Dificilmente duas, e três é o recorde. Quaisquer figuras diferentes para cada mão também servirão, além do círculo e da cruz. (Boal, 2007, p.90)

- O que será trabalhado?

Esse jogo irá trabalhar a categoria de diminuir a distância entre “sentir” e o “tocar”, ou seja, trabalharemos a desmecanização do corpo, na sua parte física.

- Recomendações:

Esse jogo é interessante para início dos encontros ou aulas – como um exercício de aquecimento.

- Como surgiu essa sugestão:

Essa proposta surgiu no grupo de pesquisa para ser levada ao CEMEB. Como mostra a citação, esse jogo é de Augusto Boal.

2.3. Dança das cadeiras

- Como Funciona?

Deve ser formada uma roda de cadeiras, com uma a menos do total de participantes da brincadeira.

Uma música deve ser tocada enquanto os participantes caminham e dançam em torno das cadeiras, até que a música seja interrompida. Neste momento, todos devem se sentar em uma cadeira e um participante sobrar. Ele deve sair da roda, uma cadeira é retirada e o processo se repete até que sobrem apenas dois participantes e uma só cadeira. Quem sentar, ganha o jogo. Adultos e crianças podem participar juntos. (Diálogos, 2022)

- O que será trabalhado?

A concentração e a valorização das músicas da cultura dos países de nacionalidade dos(as) discentes.

- Recomendações:

Essa brincadeira popular é interessante de ser trabalhada no início dos encontros como aquecimento. Busque trabalhar com músicas de diversas nacionalidades, pedindo sugestão para os(as) discentes.

- Como surgiu essa sugestão:

Essa proposta surgiu na ideia de ser trabalhada com crianças menores. Ela não foi realizada nessa pesquisa, mas já a desenvolvi com um público de crianças pequenas e deu certo. Ela não possui autoria definida, apesar de eu citar de onde tirei, trata-se de uma brincadeira de cunho tradicional.

2.4. Aram Sam Sam – Brincadeira Cantada

- Como Funciona?

“Aram Sam Sam”, é uma música que pode ser adaptada para uma brincadeira cantada de roda (várias versões podem ser facilmente encontradas na internet). Então, o(a) instrutor(a) pode criar movimentos aleatórios para cada parte da música, adaptando de acordo com seu público-alvo. Movimentos que possam ser repetidos e que possam também ser trabalhados no ritmo rápido ou lento.

- O que será trabalhado?

Concentração e o trabalho em grupo.

- Recomendações:

Como mencionado, essa é uma música que pode ser trabalhada como uma brincadeira cantada conduzida, então sinta-se livre para propor movimentos para a música e aceitar movimentos propostos pelos(as) discentes. Ótimo para aquecimento no início dos encontros.

- Como surgiu essa sugestão:

Essa proposta surgiu durante um dia de pesquisa na Casa Bom Samaritano. Lembrei que já tinha visto em uma das aulas do professor Jonas Sales e, assim, utilizamos de forma adaptada.

2.5. Morto Vivo - Muerto Vivo

- Como Funciona?

Uma das crianças é escolhida como a líder e ficará à frente do grupo. É ela quem vai dar as instruções a serem seguidas pelos jogadores.

Quando o líder disser: 'Morto!', todos terão que agachar. Quando o líder disser: 'Vivo', todos terão que dar um pulinho e ficar em pé. Quem não cumprir ou errar o comando é eliminado, até ficar somente um participante, que será o vencedor e o próximo líder.

A velocidade em que os comandos de 'Vivo' ou 'Morto' são dados, vai definir o grau de dificuldade da brincadeira, assim como a sequência, que ficará por conta da criança líder, com o intuito de confundir e exigir mais atenção dos participantes. (Guia Infantil)

- O que será trabalhado?

Concentração, ritmo e trabalho em grupo.

- Recomendações:

Essa é uma brincadeira tradicional, então provavelmente os(as) discentes brasileiros(as) saberão, assim como os(as) migrantes e refugiados venezuelanos. Sendo assim, será uma ótima proposta, para qualquer idade.

- Como surgiu essa sugestão:

Essa proposta surgiu durante reuniões de planejamento do grupo de pesquisa para a Casa Bom Samaritano, pois o grupo já tinha utilizado e as crianças tinham familiaridade. É uma brincadeira tradicional, apesar de estar como citação.

2.6. A Máquina de Ritmos

- Como Funciona?

Um ator vai até o centro e imagina que é uma peça de uma engrenagem de uma máquina complexa. Faz um movimento rítmico com o seu corpo e ao mesmo tempo, o som que essa peça dessa da máquina deve produzir. Os outros atores prestam atenção, em círculo, ao redor da máquina. Um segundo ator se levanta e, com o seu próprio corpo, acrescenta uma segunda peça à engrenagem dessa máquina, com outro som e outro movimento que sejam complementares e não-idênticos. Um terceiro ator faz o mesmo, e um quarto, até que todo o grupo esteja integrado em uma mesma máquina, múltipla, complexa, harmônica.

Quando todos estiverem integrados na máquina, o diretor diz ao primeiro ator para acelerar o ritmo – todos devem tentar seguir essa mudança no andamento. Quando a máquina estiver próxima à explosão, o diretor determina que o primeiro ator diminua o ritmo até que todas as pessoas terminem juntas o exercício.

Para que tudo corra bem, é preciso que cada ator tente realmente escutar o que está ouvindo. (Boal, 2007, p.129-130)

- O que será trabalhado?

O ritmo, a concentração e integração do grupo.

- Recomendações:

Esse jogo é interessante para ser trabalhado logo depois de um exercício de aquecimento, pois ele pode ser um ponto de partida, assim que o corpo estiver aquecido.

Para facilitar mais ainda, escolha temas que tenham a ver com a questão migratória ou de refúgio pois, assim, você canalizará a sua aula a um resultado sobre esse tema.

- Como surgiu essa sugestão:

Esse jogo já foi realizado em outros momentos, mas ressurgiu como proposta no planejamento do grupo para o CEMEB. Esse jogo, como mostra a citação, também é de Augusto Boal.

2.7. O Espelho Narcisista

- Como Funciona?

Depois da deformação, da crítica, do comentário corrosivo, da tentativa de destruição da máscara do companheiro da frente, depois da caricatura, o espelho se torna narcisista. Este pode ser um dos momentos mais lindos de toda a sequência. Aqui, cada participante se olha no espelho e se vê belo. Mas a imagem que vê é a do companheiro em frente. Cada um deve tentar reproduzir, com a maior exatidão possível, todos os gestos de prazer, toda a alegria que sente quando está bem consigo mesmo, quando está feliz por ser quem é. Eu estou feliz, faço um gesto de felicidade e me olho no espelho: mas o que vejo é minha própria imagem no corpo de outra pessoa. Ao mesmo tempo, a outra pessoa se olha em mim: em mim, vê-se a ela própria, feliz, contente – sou eu que, com meus gestos e movimentos, devo lhe restituir essa felicidade e esse contentamento. (Boal, 2007, p.179)

- O que será trabalhado?

Ver tudo o que se olha – um ótimo jogo para trabalhar a empatia e acolhimento na turma.

- Recomendações:

Esse jogo é interessante para ser trabalhado logo depois do aquecimento, pois ele pode ser um ponto de partida assim que o corpo estiver aquecido.

- Como surgiu essa sugestão:

Essa proposta não foi utilizada, mas surgiu durante minha pesquisa bibliográfica. Acredito que seja fácil de execução e tenha relação com a temática. Jogo de Augusto Boal.

2.8. Foto dinamarquesa

- Como Funciona?

O grupo vai andando em uma direção, um dos atores sai e diz: “Uma foto para (em seguida nomeia quem ele quiser: sua mãe, papa, o fulano, sicrano etc.). O diretor diz “Já” e todos se voltam para o ator que perguntou e fazem, com seus corpos e rostos, a imagem que gostariam de enviar em foto para pessoa citada. (Boal, 2007, p.208)

- O que será trabalhado?

Ver tudo o que se olha. É um ótimo jogo para trabalhar a memória emotiva.

- Recomendações:

Esse jogo é interessante para ser trabalhado logo depois do aquecimento, pois ele pode ser um ponto de partida assim que o corpo estiver aquecido.

- Como surgiu essa sugestão:

Essa proposta não foi utilizada, mas surgiu durante minha pesquisa bibliográfica. Acredito que seja fácil de execução e tenha relação com a temática. Jogo de Augusto Boal.

2.9. Andar pelo espaço com sentimentos

- Como funciona?

Este é um jogo inspirado e adaptado nos Jogos Teatrais da Viola Spolin e nos princípios de Jogos Teatrais de Augusto Boal. Até então usei dessa forma: todos(as) os(as) participantes caminham pelo ambiente e, quando o(a) professor(a) falar um sentimento, todos(as) devem mostrar com o corpo a representação máxima desse sentimento. Sentimentos usados: Alegria, Tristeza, Raiva e Medo.

- O que será trabalhado?

Noção de espaço e expressão dos sentimentos.

- Recomendação?

Esse jogo é interessante para ser trabalhado logo depois do aquecimento, pois ele pode ser um ponto de partida assim que o corpo estiver aquecido.

- Como surgiu essa sugestão:

Sugeri esse jogo para um dia de pesquisa na Casa Bom Samaritano, com o objetivo de trabalharmos os sentimentos e o que poderia ser gerado através deles. Tomei como inspiração os jogos de Boal e Spolin, adaptando-os para o dia da pesquisa.

2.10. O limão entrou na roda

- Como funciona?

Esta brincadeira é muito usada pela minha orientadora para finalizar os encontros de pesquisa. Funciona da seguinte forma: todos começam sentados no chão e cantando, em roda (fazendo as próprias ações que a música propõe): “O limão entrou na roda, ele passa de mão em mão. Ele vai, ele vem, ele ainda não chegou e no meio do caminho alguém pegou”. No final, quem ficar com o limão nas mãos, conta uma história, conta uma charada ou propõe uma brincadeira.

- O que será trabalhado?

Ritmo e sentimento de pertencimento.

- Recomendação?

É interessante trabalhar essa brincadeira ao final da aula ou encontro, pois é uma ótima forma de obter retorno do que foi trabalhado no encontro.

- Como surgiu essa sugestão:

Aprendi essa proposta com a minha orientadora. Ela sempre a utiliza para finalizar um dia de pesquisa (eu considero a “assinatura” dela). Utilizamos no final de cada dia de pesquisa na Casa bom Samaritano, nesse momento muitos têm a oportunidade de expressar sentimentos e contar histórias. Ótimo para qualquer idade.

Capítulo 3 - Dialogando sobre experiências

Aqui, irei trazer comentários e reflexões sobre alguns dos Jogos Teatrais e brincadeiras que já utilizei, auxiliiei ou observei.

Jogo 2.1 - Se você disser que Sim

Esse jogo foi utilizado em uma das oficinas que auxiliiei. É importante lembrar que a turma em que esse jogo foi trabalhado era de Ensino Médio, no Centro de Ensino Médio Elefante Branco, onde grande parte dos alunos falam português, e alguns falam Espanhol/Português. Na oficina, consegui notar que a turma sentiu um pouco de dificuldade, devido à sua complexidade, já que também foram usadas palavras em francês. O jogo foi ministrado por uma das minhas colegas de pesquisa que fala francês.

Nesse jogo você pode, dependendo da turma ou grupo, aumentar ou diminuir a complexidade, lembrando que é um jogo que irá trabalhar desmecanização dos movimentos entre “ouvir” e “ver”.

Jogo 2.4 - Aram Sam Sam

Lembrando que, apesar de estar escrito “jogo” no título, entendo “Aram Sam Sam” como brincadeira cantada.

Essa brincadeira cantada foi proposta por uma das crianças da Casa Bom Samaritano. Ouvi uma das crianças cantando e, como conhecia essa música a partir de uma aula da disciplina “Prática docente em Jogos Para a Cena”, ministrada pelo professor Jonas Sales no Departamento de Artes Cênicas, convidei o grupo para fazer essa proposta e as crianças disseram que sim. Essa brincadeira cantada colaborou, naquele momento, para a concentração das crianças.

Jogo 2.6 - Morto Vivo – Muerto Vivo

Essa brincadeira tradicional é muito interessante, pois é conhecida por grande parte das crianças migrantes da Venezuela, público atendido na Casa Bom Samaritano. Em seu país, eles também conhecem uma versão chamada “Enano – gigante” (anão – gigante). Durante a brincadeira pude perceber que, realmente, as crianças adoram essa brincadeira. Acredito que, se usada nas escolas brasileiras, pode trazer aos alunos(as) um sentimento de acolhimento e identificação.

Jogo 2.7 - A Máquina dos Ritmos

Esse jogo é muito interessante, pois através dele podemos trabalhar vários temas. É uma ótima proposta para entendermos, por exemplo, como os alunos veem a migração na prática. No CEMEB, foi muito interessante a forma como a máquina foi montada pelos estudantes, pois serviria como o início da cena do teatro fórum. A cena retratava a etapa da migração nos aeroportos.

Jogo 2.9 - Andar pelo espaço com sentimentos

Esse jogo, como já mencionei no capítulo anterior, foi inspirado em jogos da Viola Spolin e em princípios dos jogos de Augusto Boal. Foi um destaque quando ministrei ele na Casa Bom Samaritano pois, naquele dia, as atividades tinham saído fora do planejado (mas, por meio dele, consegui alcançar o objetivo de pesquisa do dia). Ao finalizar essa proposta, conduzi para contação de histórias e, ao fim de cada história contada, as crianças que estavam presentes foram encorajadas a reagir corporalmente representando os sentimentos que aquela história gerasse. Vale ressaltar que grande parte das histórias escolhidas pelas crianças eram de assombração. Depois, cada um passou a falar um pouco sobre sua escola, foi quando uma das participantes relatou como era a sua escola – história que analiso na conclusão deste trabalho.

Conclusão - Fechando as cortinas

Desafio, experiências, pedagogia do teatro! Arte em ação!

Que momento incrível de descobertas, de tentativas, erros e acertos.

Chegamos ao momento especial desse trabalho, no qual proponho Jogos Teatrais e Brincadeiras que facilitem a integração de discentes não brasileiros(as) em nossas escolas, um desafio atual.

Para finalizar, gostaria de retomar uma história que surgiu no contato com as crianças da Casa Bom Samaritano (não que essa história seja mais importante do que as outras, mas ela me chamou atenção): foi o relato de uma participante da pesquisa: Nuvem (nome fictício). Depois de um jogo, Nuvem conta algumas histórias de assombração. Depois, entramos no assunto “escola”, quando ela relata que a única pessoa que a tratava bem na escola era a professora e que nenhum outro coleguinha brincava com ela, apenas os amigos da Casa de Acolhimento que ficavam juntos no intervalo da escola – evidenciando uma exclusão, talvez por causa do idioma ou outros fatores (mas nenhum pode justificar a exclusão de nenhuma criança).

Esse jogo, a partir do qual surgiu a história de Nuvem, foi um facilitador. Acredito que, em chão escolar, uma proposta como essa, que possa favorecer a contação histórias, pode dar ao professor(a) subsídios para trabalhar tentando erradicar práticas discriminatórias, possibilitando aos alunos as ferramentas certas para o exercício da empatia.

Não existe certo ou errado, existem tentativas. Os Jogos Teatrais e brincadeiras aqui propostos são resultados de pesquisas e de ação, sendo que, por meio deles, conseguimos nos aproximar de várias histórias de vida, até mesmo histórias de violações de direitos de acesso e permanência nas escolas, que nos ajudam a propor, na prática, soluções.

Ainda ressalto a importância dessa seleção de jogos, pois, a partir dela, podemos ter mais um material direcionado à integração de migrantes e refugiados. Assim, enquanto docentes, trabalharemos também de acordo com a LDBEN:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996, Art. 2º)

E tentaremos garantir o direito trazido, conforme a Lei nº 13.445/2017, artigo 4, inciso IX: “Direito à educação pública, vedada a discriminação em razão da nacionalidade e da condição migratória”. (Brasil, 2017, Art.4). Vamos juntos(as) trabalhar para que as nossas escolas tenham mais equidade nas suas formas de ensino.

Chegando quase ao final,

Paro, penso, respiro e digo:

A arte foi vista!

A arte foi feita!

A arte foi contextualizada!

A arte pulsou!

À arte, um grande viva!

Ao teatro um grande viva!

Ao Teatro do Oprimido, um grande viva!

Viva ao Professor-Artista-Pesquisador!

Aos alunos e alunas, um grande viva!

A todos os participantes, um grande viva!

A todos, palmas!

Por fim, deixo um poema de Carlos Drummond de Andrade, “A flor e a náusea”:

Preso à minha classe e a algumas roupas,
vou de branco pela rua cinzenta.
Melancolias, mercadorias espreitam-me.
Devo seguir até o enjôo?
Posso, sem armas, revoltar-me?

Olhos sujos no relógio da torre:
Não, o tempo não chegou de completa justiça.

O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.
O tempo pobre, o poeta pobre
fundem-se no mesmo impasse.

Em vão me tento explicar, os muros são surdos.
Sob a pele das palavras há cifras e códigos.
O sol consola os doentes e não os renova.
As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.

Vomitar esse tédio sobre a cidade.
Quarenta anos e nenhum problema resolvido,
sequer colocado.
Nenhuma carta escrita nem recebida.
Todos os homens voltam para casa.
Estão menos livres mas levam jornais
e soletram o mundo, sabendo que o perdem.

Crimes da terra, como perdoá-los?
Tomei parte em muitos, outros escondi.
Alguns achei belos, foram publicados.
Crimes suaves, que ajudam a viver.
Ração diária de erro, distribuída em casa.
Os ferozes padeiros do mal.
Os ferozes leiteiros do mal.

Pôr fogo em tudo, inclusive em mim.
Ao menino de 1918 chamavam anarquista.
Porém meu ódio é o melhor de mim.
Com ele me salvo
e dou a poucos uma esperança mínima.

Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralitem os negócios, garanto que uma flor
nasceu.

Sua cor não se percebe.
Suas pétalas não se abrem.
Seu nome não está nos livros.
É feia. Mas é realmente uma flor.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio. (Andrade,
2000, p.15-17)

E, por fim, há esperança na educação!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, C. D. **A Rosa do Povo**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

AZEVEDO, R. S. de, & AMARAL, C. T. do. (2023). "No início foi complicado, foi um trabalho de formiguinha": trabalho docente com crianças migrantes. **RTPS - Revista Trabalho, Política E Sociedade**, 8(13), e-787.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Diário Oficial da União**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 20 ago. 2024.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 20 ago. 2024.

BRASIL. Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017. Institui a Lei de Migração. Brasília, DF: **Diário Oficial Da União**, 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13445.htm. Acesso em: 02/12/2023.

DISTRITO FEDERAL. Portaria nº 28, de 12 de janeiro de 2024. Estabelece o Programa Educador Social Voluntário no âmbito da Secretária de Estado de Educação do Distrito Federal. **Diário Oficial Do Distrito Federal**. Brasília, DF, nº 10, p. 8-13, 10 de janeiro de 2024.

BOAL, A. **Jogos para atores e não-atores**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

BOAL, A. **Teatro do oprimido e outras poéticas política**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

FERREIRA, T. **Quem são as crianças no teatro infantil**. In: Graça. V; Hartmann. L (org.). **O teatro e suas pedagogias: Práticas e Reflexões**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007, p. 85-104.

GARCIA, S. B. P. L. R., & MEDINA, R. (2020). TRANSIÇÕES DE IMPACTO/IMPACT TRANSITIONS. **Revista Athena**, 16(1). Recuperado de <https://periodicos.unemat.br/index.php/athena/article/view/4345>.

HARTMANN, Luciana. Crianças contadoras de histórias. Brasília: Editora da UnB, 2021.

Jogos e brincadeiras tradicionais infantis. **Diálogos**, 2022. Disponível em: <https://dialogosviagenspedagogicas.com.br/blog/jogos-e-brincadeiras-tradicionais-infantis/>. Acesso em: 05 ago. 2023.

MEDINA, Vilma. Morto-Vivo. **Brincadeira de Crianças**. Guia Infantil, 2015. Disponível em: <https://br.guiainfantil.com/materias/cultura-e-lazer/jogos/morto-vivo-brincadeiras-de-criancas/>. Acesso em: 05 ago. 2023.

PIEGO, D.; HENRIQUE, M. S.; ABRAMOWICZ, A. CRIANÇAS E FAMÍLIAS NAS MIGRAÇÕES TRANSNACIONAIS: PERSPECTIVAS LATINOAMERICANAS E CARIBENHAS. **Revista Binacional Brasil-Argentina: Diálogo entre as ciências**, [S. l.], v. 12, n. 01, p. 224-238, 2023. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rbba/article/view/12607>. Acesso em: 15 dez. 2023.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin**. São Paulo: Perspectiva, 2008.